
A PSICOGEOGRAFIA COMO TRAJETOS METODOLÓGICOS: DIMENSÃO AFETIVA NO AGENCIAMENTO DE ESPAÇOS FORMATIVOS, “FORA DA ESCOLA”

PSYCHOGEOGRAPHY AS METHODOLOGICAL PATHWAYS: AFFECTIVE DIMENSION IN AGENTING FORMATIVE SPACES, “OUTSIDE SCHOOL”

Natanael Reis Bomfim¹

RESUMO: Este artigo faz parte da construção do saber metodológico desenvolvido pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade – GIPRES – desenvolver pesquisas aplicadas, sobre as representações socioespaciais como teoria e método aplicados a educação. Nesses estudos, busca-se articular os sistemas perceptivos e cognitivos do sujeito por meio de situações do cotidiano no espaço, no tempo presente e da crítica vivente fundada na vida cotidiana, que avalia as inter-relações dos habitantes com o lugar (território) e seus resultantes de modelos de conduta de suas práticas sociais (territorialidades). Diante do exposto, a questão que se formula neste texto é: como as estruturas topológicas, que emergem das representações socioespaciais das derivas, podem contribuir para a criação de dispositivos que apreendam a dimensão afetiva no agenciamento de espaços formativos de coletivos de jovens? Assim, o objetivo desse texto é fazer uma revisão bibliográfica sobre trajetos metodológicos, na Psicogeografia e Teoria da Deriva, com possibilidade de apreensão da dimensão afetiva no agenciamento de espaços formativos, “fora da escola”. Os resultados apontam que métodos, técnicas e instrumentos dessa teoria articulados com aquelas das representações socioespaciais podem, pela bricolagem nas pesquisas educacionais, identificar alguns padrões que informam relações afetivas desenvolvidas entre os sujeitos e o lugar, através de processos exploratórios e subjetivos no movimento dos corpos nos territórios de exclusão social da cidade, a fim de clarificar a questão da experiência pelas práticas sociais cotidianas.

Palavras-chave: Psicogeografia. Representações socioespaciais. Espaços formativos.

¹ Pós-doutor em Educação e Turismo, pelo Instituto de Pesquisa em Turismo da Universidade de Paris 1. PhD em Educação, pela Universidade do Québec em Montreal. Mestre em Educação, pela Universidade Federal da Bahia. Professor Pleno da Universidade do Estado da Bahia, atuando como Secretário de Reações Internacionais e docente do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade. Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação e Sustentabilidade. E-mail: nabom_reis@hotmail.com.

Artigo recebido em novembro de 2019 e aceito para publicação em março de 2020.

ABSTRACT: This article is part of the construction of the methodological knowledge developed by the Interdisciplinary Research Group on Representations, Education and Sustainability - GIPRES - to develop applied research on socio-spatial representations as theory and method applied to education. In these studies, we seek to articulate the perceptive and cognitive systems of the subject through everyday situations in space, in the present tense and the living criticism based on everyday life, which evaluates the interrelationships of inhabitants with place (territory) and resulting from models of conduct of their social practices (territorialities). Given the above, the question that arises in this text is: how can the topological structures, which emerge from the socio-spatial representations of drift, contribute to the creation of devices that grasp the affective dimension in the formation of formative spaces for youth collectives? Thus, the aim of this text is to make a bibliographical review about methodological paths, in Psychogeography and Drift Theory, with the possibility of apprehending the affective dimension in the formation of formative spaces, “out of school”. The results indicate that methods, techniques and instruments of this theory articulated with those of socio-spatial representations can, through bricolage in educational research, identify some patterns that inform affective relationships developed between subjects and place, through exploratory and subjective processes in the movement of bodies. in the territories of social exclusion of the city, in order to clarify the question of experience by everyday social practices.

Keywords: Psychogeography. Socio-spatial representations. Formative spaces.

1 NOTAS INICIAIS: PSICOGEOGRAFIA, TEORIA DA DERIVA COMO MÉTODO DESENVOLVIDO PELO GRUPO INTERNACIONAL SITUACIONISTA (1958)

Nas décadas de 50 a 60, os grupos de vanguarda modernista e urbanista enfatizam os ambientes urbanos a partir dos movimentos dos corpos e suas brincadeiras no espaço. Nesse sentido, surge a teoria da deriva como método desenvolvido pelo grupo Internacional Situacionista (SI). Foi fundado em 1957 e autodissolvido em 1972 que se caracterizou como um movimento de cunho político-artístico e defende que as pessoas deveriam começar a criar, cotidianamente, *situações*: momentos espontâneos e autônomos de ataraxia coletiva, ou seja, a busca pela quietude absoluta da alma, pelo prazer físico e espiritual. Exemplos de algumas publicações que expressam a grande participação militante da (IS): *A Sociedade do Espetáculo*, de Guy Debord (1997), e *A arte de viver para as novas gerações e Banalidades Básica* de Raoul Vaneigem (2002; 1963).

O conceito de psicogeografia foi criado em 1955 por Guy Lous Debord, filósofo da Universidade de Paris, a partir dos estudos das leis precisas e dos efeitos do ambiente geográfico sobre as emoções e os comportamentos, organizados conscientemente ou não, dos indivíduos. Para esse estudioso, o espaço urbano é dotado de surpresas capazes de colocar o transeunte (de trajeto/trajetória), numa situação exploratória, em caminhos imprevisíveis durante uma exploração pela cidade e que pode levá-lo a uma nova percepção da paisagem urbana. Em síntese, ela é concebida como ciência destinada a analisar e decifrar as interações entre humanos e contextos ambientais, pela avaliação dos efeitos do ambiente, ordenado conscientemente ou não, sobre o comportamento afetivo e os sistemas perceptivos e cognitivos dos indivíduos. Trata-se de um procedimento estratégico (no espaço), uma situação (situacionista) que rompe com a antítese dos ultrapassados

paradigmas da geometria e a síntese da relação entre a topografia e a topologia. Essas formas de pensar o sujeito no espaço rompem com todas as formas de fragmentação e dogmas e nos faz avançar sobre o conceito de territorialidade.

A dialética da experiência entre o corpo (pessoas) e a cidade construída produz elos afetivos entre a pessoa e o lugar, ou ambiente físico através da experiência pessoal; este conceito é posto pelo geógrafo Yi-fu Tuan no livro *Topofilia*, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, abrindo uma nova corrente de estudos dentro do campo da geografia que valoriza a relação entre as pessoas e o espaço perpassando pela percepção, representação espacial, as culturas e as relações sociais. A associação de sentimentos com meio ambiente, segundo o autor, promove a ideia de lugar.

Para Lefebvre (2011), a experiência urbana tem por base o direito à cidade que deve ser tomado como ação, ou práxis promotora do contato com a alteridade, permitindo a articulação e a integração do outro, a fim de construir um novo tempo, um novo homem, para uma nova sociedade urbana. A essa ideia de apropriação do domínio do espaço como instrumento de luta política, Bomfim (2004) considera como apropriação afetiva do território, ou por uma outra territorialidade. Isto significa, no campo da situologia, articular os sistemas perceptivos e cognitivos do sujeito por meio de situações do **cotidiano no espaço**, no tempo presente e da crítica vivente fundada na **vida cotidiana** que avalia as inter-relações dos habitantes com o lugar (território) e seus resultantes de modelos de conduta de suas práticas sociais (territorialidades).

Para Vaneigem (2009), todo espaço é ocupado pelo inimigo, mesmo aquele conhecido e identitário. Sua tese se sustenta sob o contexto da contemporaneidade, onde, segundo ele, estamos vivendo sob um toque de recolher permanente. Nesse sentido, breve, a teoria da deriva busca explicar como criamos táticas, ação calculada determinada pela ausência de uma maior loco, como uma manobra dentro do campo do inimigo no sentido de habitar o espaço. Logo, levar a “luta” para as ruas é verdadeiramente entregar-se a uma operação determinada. Para ilustrar essas ideias, em 2016, lembramos das ocupações promovidas pelos secundaristas em escolas do ensino médio, que tomaram o espaço da universidade, em luta unificada contra medidas em vias de serem impostas pelo governo Temer, que propõe o congelamento dos gastos na educação nos próximos vinte anos

Inspirados em Certeau (1994), Bomfim e Garrido (2019) entendem que a lógica maniqueísta não percorre os trilhos estrategicamente postos pelas classes hegemônicas, os arranjos sociais são permeados por práticas inventivas dos sujeitos em seus modos de fazer que vão criando fissuras pelas táticas dos pequenos golpes em contraponto as estratégias instituídas por ideologias dominantes.

Diante do exposto, a questão que se formula neste texto é: como as estruturas topológicas, que emergem das representações socioespaciais das derivas, podem contribuir para a criação de dispositivos que apreendam a dimensão afetiva no agenciamento de espaços formativos de coletivos de jovens? Desta forma, seria possível identificar alguns padrões que informam relações afetivas desenvolvidas entre os jovens e o lugar, através de processos exploratórios e subjetivos no movimento dos corpos nos territórios de exclusão social da cidade, a fim de clarificar a questão da experiência pelas práticas sociais cotidianas

Considerando o objetivo do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Representações, Educação e Sustentabilidade - GIPRES – da Universidade do Estado da Bahia, que é desenvolver pesquisas aplicadas, sobre as representações socioespaciais como teoria e

método aplicados a educação. A finalidade é identificar nessas localizações e trajetos as táticas desenvolvidas pelos jovens como ação calculada de manobra em relação às heteronomias sociais, políticas públicas hegemônicas, entre outras. O processo de ocupações são meios subjetivos de inscrição de uma coletividade, a exemplo no nosso caso, das ocupações do MST em Salvador, das manifestações sociais e culturais pelos coletivos de jovens em praças, escolas, muros dos territórios de Cajazeiras, Subúrbio Ferroviário de Salvador, Beiru, Sussuarana, Engomadeira, entre outros.

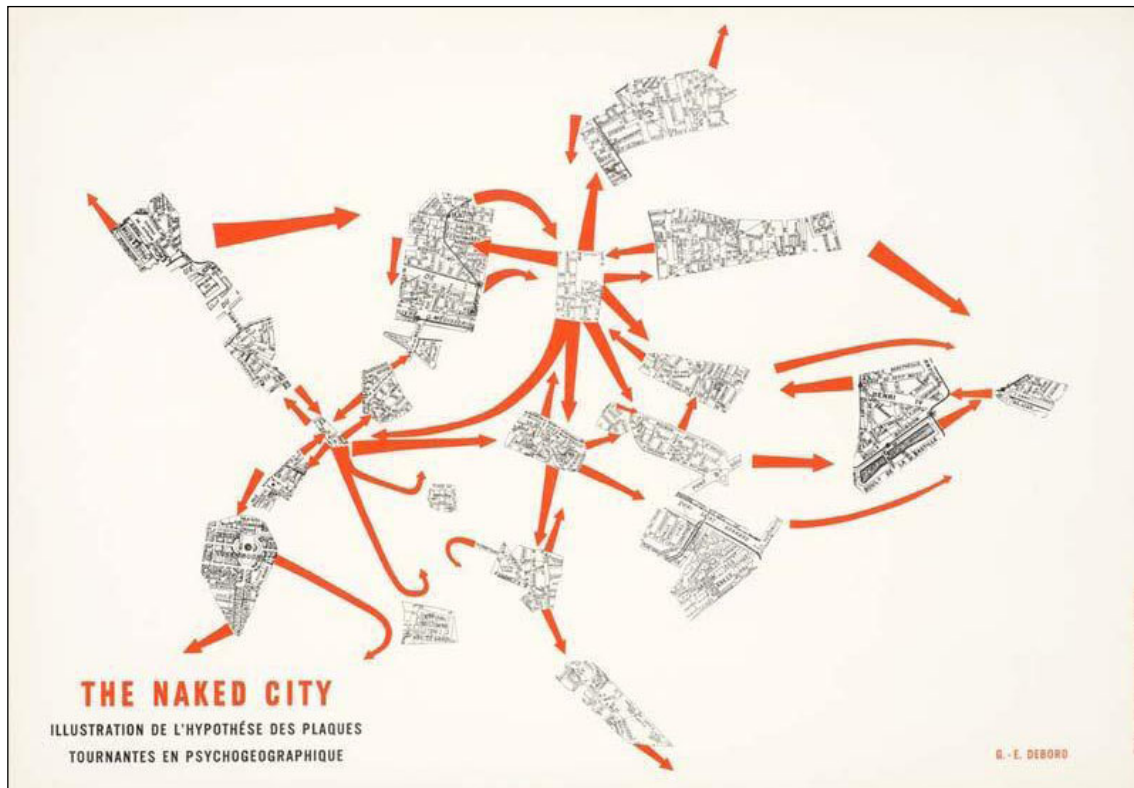
2 POSSIBILIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: DIMENSÃO AFETIVA DE AGENCIAMENTOS DE ESPAÇOS FORMATIVOS “FORA DA ESCOLA”

A psicogeografia combina conhecimento e estudos subjetivos e objetivos. Pela teoria da deriva apresentada pelos autores, percebemos a possibilidade de explicar como uma ou mais pessoas durante um certo período abandonam seus motivos habituais de movimento e ação, suas relações, seu trabalho e atividades de lazer, e deixam-se atrair pelas atrações do terreno e pelos encontros que encontram lá ... Mas, segundo Soares de Lima (2015) a deriva inclui tanto o abandono quanto a contradição necessária, o domínio das variações psicogeográficas pelo conhecimento e cálculo de suas possibilidades, o risco de transcender, de desviar (ou *détourner*). Assim, os situacionistas propunham uma maneira bastante específica para se chegar até lá, e que pudesse, por assim dizer, ser estopim e catalisador do processo. Esse método é a Psicogeografia, e sua ferramenta é a Teoria da Deriva.

Desta forma, formulo a seguinte tese: é possível criar dispositivos metodológicos que identifiquem, pelos traçados dos sujeitos no espaço, práticas sociais que não condizem com seus hábitos e costumes desse cotidiano. Esse abandono pode evidenciar trajetos de aprendizagens outras que contribuem para processos formativos em espaços educativos para além da escola. Para tal apresentamos o resultado de um estudo bibliográfico sobre o uso de métodos da psicografia e ferramentas da teoria da deriva, onde por meio da bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional apelaremos para uma variedade de métodos, instrumentos e referenciais teóricos que nos possibilitem acessar e tecer as interpretações de diferentes origens. “A escolha das práticas de pesquisa depende das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem do seu contexto” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2008, p. 09).

1.1 Psicogeografia e as derivas: narrativas cartográficas

Esse dispositivo metodológico se baseia na cartografia afetiva (sentimento) e narrativa do trajeto no espaço que tem como objetivo gerar uma deriva que relata a própria experiência do percurso, muitas vezes usando bricolagens de mapas Euclidianos, de onde se depreende uma estrutura afetiva do espaço urbano (Figura 1). Segundo Basset (2004) a psicogeografia requer novas formas de cartografia que representem estados de consciência e sentimentos, bem como as unidades de ambiência a eles relacionados.



Fonte: DEBORD, Guy. Frac centre. Collection art et architecture, 1957.

Figura 1. Mapa psicogeográfico de Paris

As representações da experiência da deriva (Figura 1) são elaboradas através de placas rotativas (*plaques tournantes* 1) ou “unidades de ambiência” que se referem aos sentidos do percurso e os lugares de origem/destino, donde a hierarquia (dinâmica) está relacionada às escolhas - conscientes ou não - do indivíduo em movimento (SADLER, 1998), que acionam sensações e sentimentos que advêm da experiência do corpo em relação ao próprio espaço construído.

Schvarnsberg (2012) no seu estudo denominado, *A rua e a sociedade capsular*, coloca em tensão essas duas dimensões da experiência urbana contemporânea, onde a rua se apresenta como uma experiência capsular que:

“mais do que polaridades antagônicas, apresentam-se superpostas, embaralhadas em variações de intensidades a depender de como cada sujeito urbano elabora seu modo de vida em suas trajetórias cotidianas, sobretudo nos modos como se sujeita aos padrões ditados pelos paradigmas financeiros ou escapa de suas determinações” (p. 140).

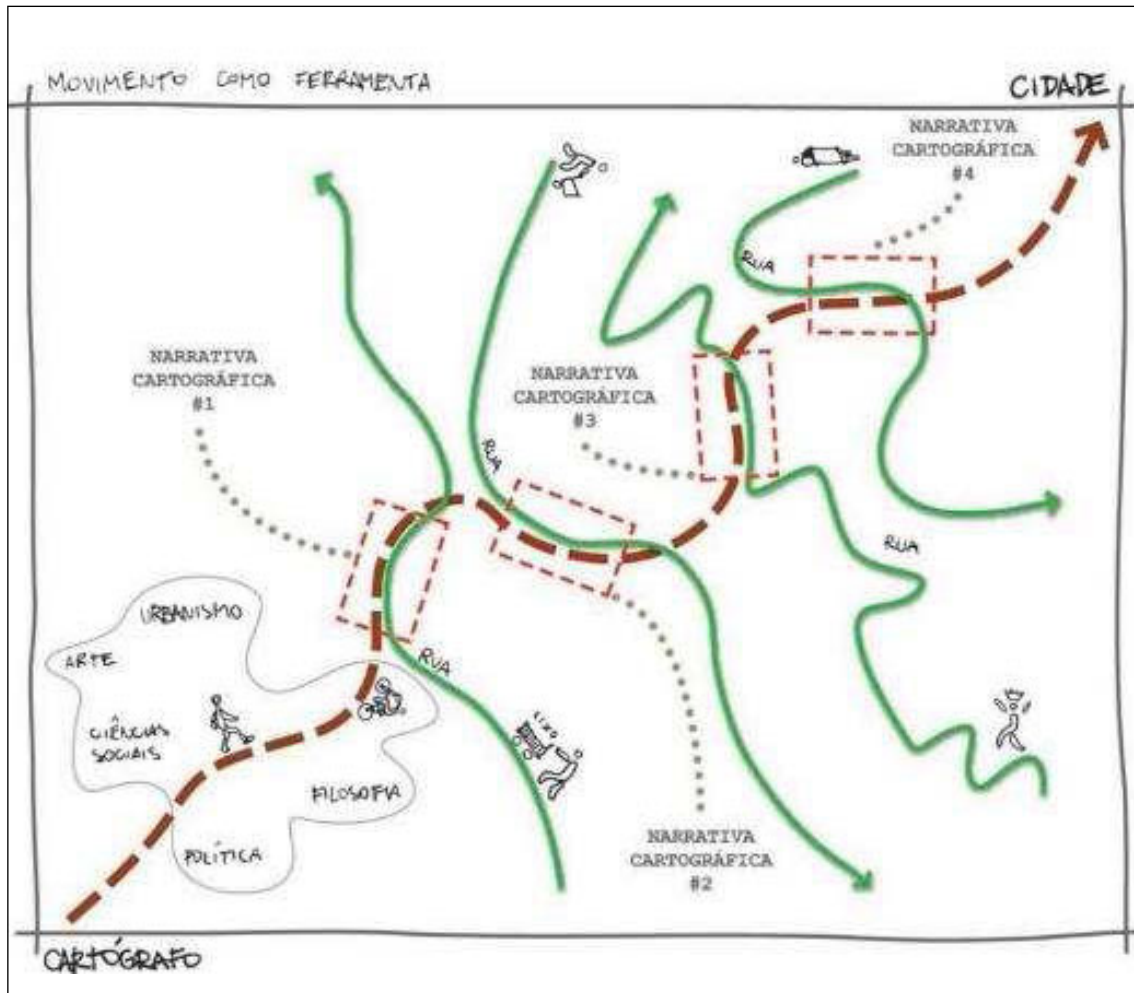


Figura 2. “Diagrama Movimento como ferramenta: construção de narrativas cartográficas”
(SCHVARBERG, 2012)

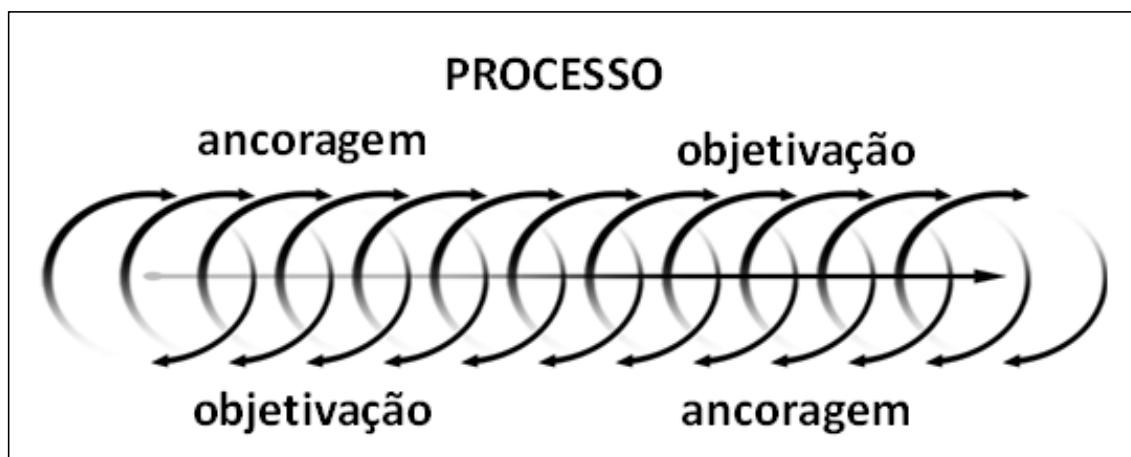
Assim, na Figura 2, mais do que mapear os percursos, procurou-se cartografar ações, modos de usar o espaço no tempo oportuno. A sobreposição de variados dispositivos de registro da experiência, do vídeo à memória do corpo, constrói uma espécie de mapa de procedimentos ou operações de sujeitos ambulantes, mas também do próprio cartógrafo. Foram utilizados diversos dispositivos: bibliografias, decisões, registros, os campos, ou seja, tudo pode se transformar.

Nesse sentido, esse método é bem vindo, pois considera os desafios impostos pelos fenômenos sociais nas pesquisas educacionais, envolvendo: processos comunicativos, alteridade, atores e desigualdades sociais, diversidades de espaços educativos, políticas públicas, instituições, territorialidades, entre outros. Assim, o planejamento psicogeográfico realiza-se no percurso da investigação “e não há garantias de onde seu resultado aportará: o desconhecido coloca-se como objeto e como método” (SOARES DE LIMA, 2015, p. 14).

No método empírico das derivas se evidenciam 11 (onze) indicações (DEBORD, 1958 apud INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2007), entretanto vamos considerar 06 (seis) na articulação com a teoria das representações sociais que apresenta os requisitos necessários em função de três aspectos básicos pertinentes a natureza das RS como nos propõe Moliner (1996): 1) a “dispersão da informação”, que ocorre em função de uma

compreensão ainda “não coerente” sobre a realidade dos jovens nos coletivos no SFS caracterizado pelo processo de acomodação das informações; 2) a “focalização”, como posições específicas dos jovens nos grupos sociais de pertencimento, demonstram interesse particular num determinado aspecto e desinteresse em outro abrindo possibilidades de conflitos, formando uma imagem inicial e ainda nebulosa do objeto social sobre as RS sobre futuro; e 3) a “pressão a inferência”, como elemento de tomada de posição em relação as idealizações pertinentes ao conjunto de atitudes dos jovens sobre as expectativas e participação nos coletivos e nos lugares em que estão inseridos.

Trazer à baila uma reflexão sobre a participação de jovens no processo de construção e representação do objeto social, pela objetivação e ancoragem (Figura 3), envolve sua subjetividade e significa abordar o fenômeno educacional num contexto da realidade socioespacial, sob diversos primas: como objeto da experiência sensível do sujeito que transcende do real/objetivo (razão) para o subjetivo (significado).



Fonte: Bomfim e Garrido (2019).

Figura 3. Representação do objeto social pela objetivação e ancoragem

Portanto, apresentamos algumas indicações associadas à nossa hipótese formulada anteriormente:

1. Pode-se derivar só, porém a divisão numérica de indivíduos mais indicada são grupos pequenos de duas ou três pessoas, pois em grandes grupos há tendência à fragmentação em grupos menores durante a deriva - donde se assume que as derivas pressupõem o compartilhamento da experiência por um coletivo reduzido. No nosso caso o coletivo de jovens;
2. O coletivo deveria compartilhar a alteração do estado de consciência que permitisse apreender de outra forma o espaço da cidade, possibilitando a sua apropriação diferenciada através da experiência do percurso, donde os estriamentos (Deleuze, 2008) dinâmicos tivessem a duração da experiência da deriva em si mesma e afastando-a das práticas cotidianas dos indivíduos envolvidos no processo. No processo de construção de representações sociais os indivíduos (jovens) compartilham as informações no mesmo grupo social (coletivo) a partir das práticas sociais cotidianas, ou não, exercidas no espaço vivido, percebido e concebido (LEFEVBRE, 2008);
3. As análises da deriva devem ser elaboradas em conjunto para conclusões mais coerentes - pressupõe que alguns atributos do espaço construído, capazes de acionamento

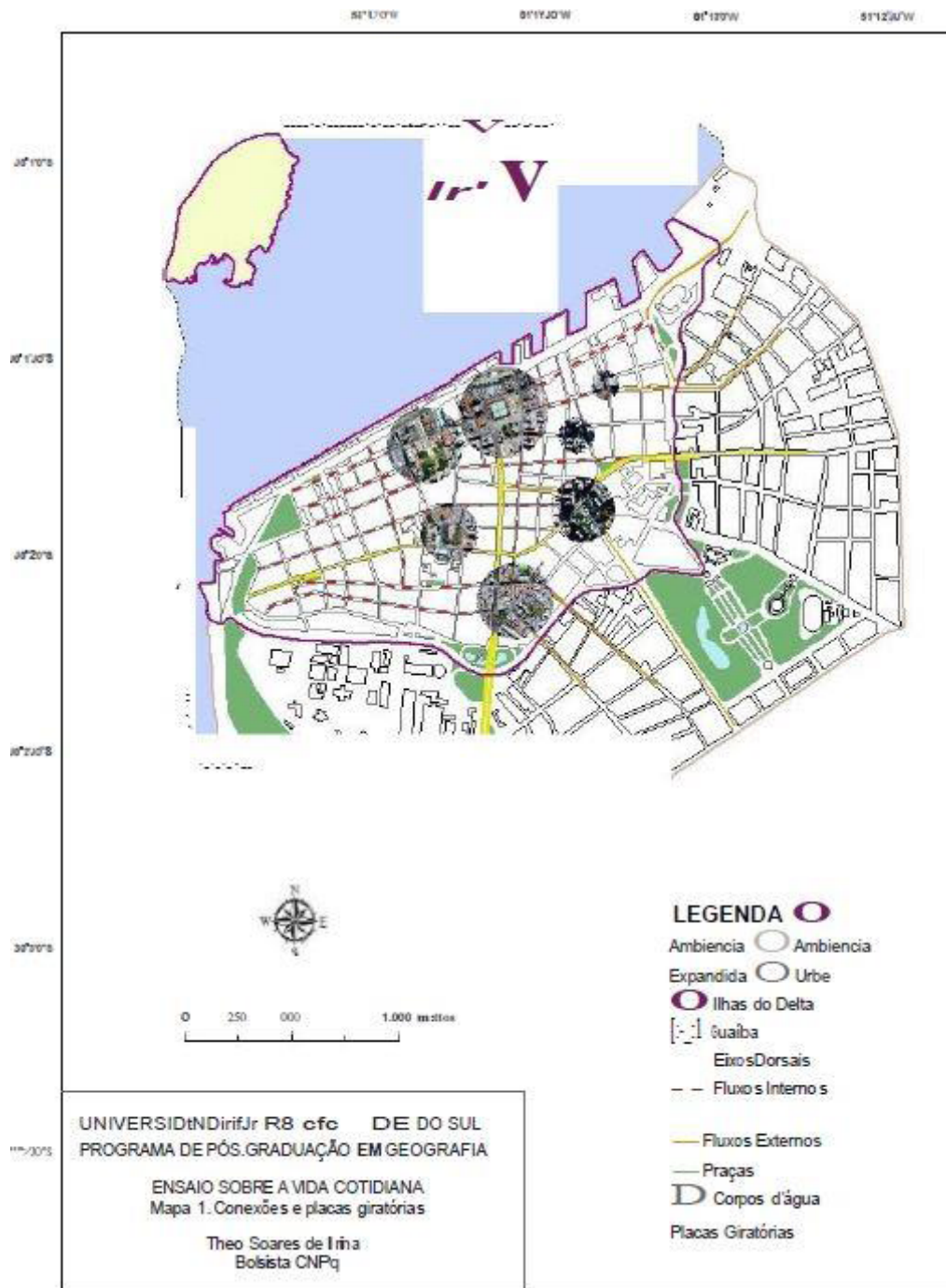
afetivo em mais de um indivíduo, podem ser considerados universais, coerentemente com os desenvolvimentos teóricos da psicologia (PIAGET) sobre a percepção do espaço. Considerando que as representações topológicas são uma construção cognitiva do indivíduo sobre o espaço que por sua vez são compartilhadas no social – representações socioespaciais (BOMFIM, 2004);

4. O campo espacial da deriva será mais ou menos vago ou preciso, dependendo do propósito reforçando que a percepção do ambiente define os limites para a experiência, sugerindo que das derivas emergem fronteiras simbólicas na cidade, o que possibilita a sua recomposição em territórios afetivos representados pelas unidades de ambiência;

5. As derivas são experiências compartilhadas não hierárquicas, onde a posição de centralidade (convocação para a experiência) e a composição (participantes) não infere uma posição de ordenação ou controle da experiência;

6. Nas unidades de ambiência das placas giratórias (cartografia afetiva), podem ser reconhecidos seus componentes de localização espacial, eixos de caminhada, suas saídas e suas defesas - donde a importância da iconografia ou cartografia resultante. O mapeamento é parte integrante do processo, cujo objetivo original era revolucionário, podendo-se inferir das palavras empregadas pelo autor que a continuidade dos percursos, as conexões com outras placas e, sobretudo as defesas (barreiras entre diferentes ambientes) que a informação perceptiva - afetiva e simbólica - coletada nas derivas tinham como objetivo o aperfeiçoamento de táticas (CERTEAU, 1994) de ação social e política.

Essas indicações pela cartografia afetiva são complementadas pelo conteúdo representativo nas experiências socioespaciais. Esse recurso pode ser pela descrição ou narração das derivas, pelos atores sociais, indicando que a percepção de lugares está relacionada não só ao espaço construído, mas aos atores sociais e seus comportamentos no espaço que escapam das representações cartográficas.



Fonte: SOARES DE LIMA, Theo. OP. CIT., 2015, P. 82.

Figura 4. Unidades de ambiência, Centro de Porto Alegre

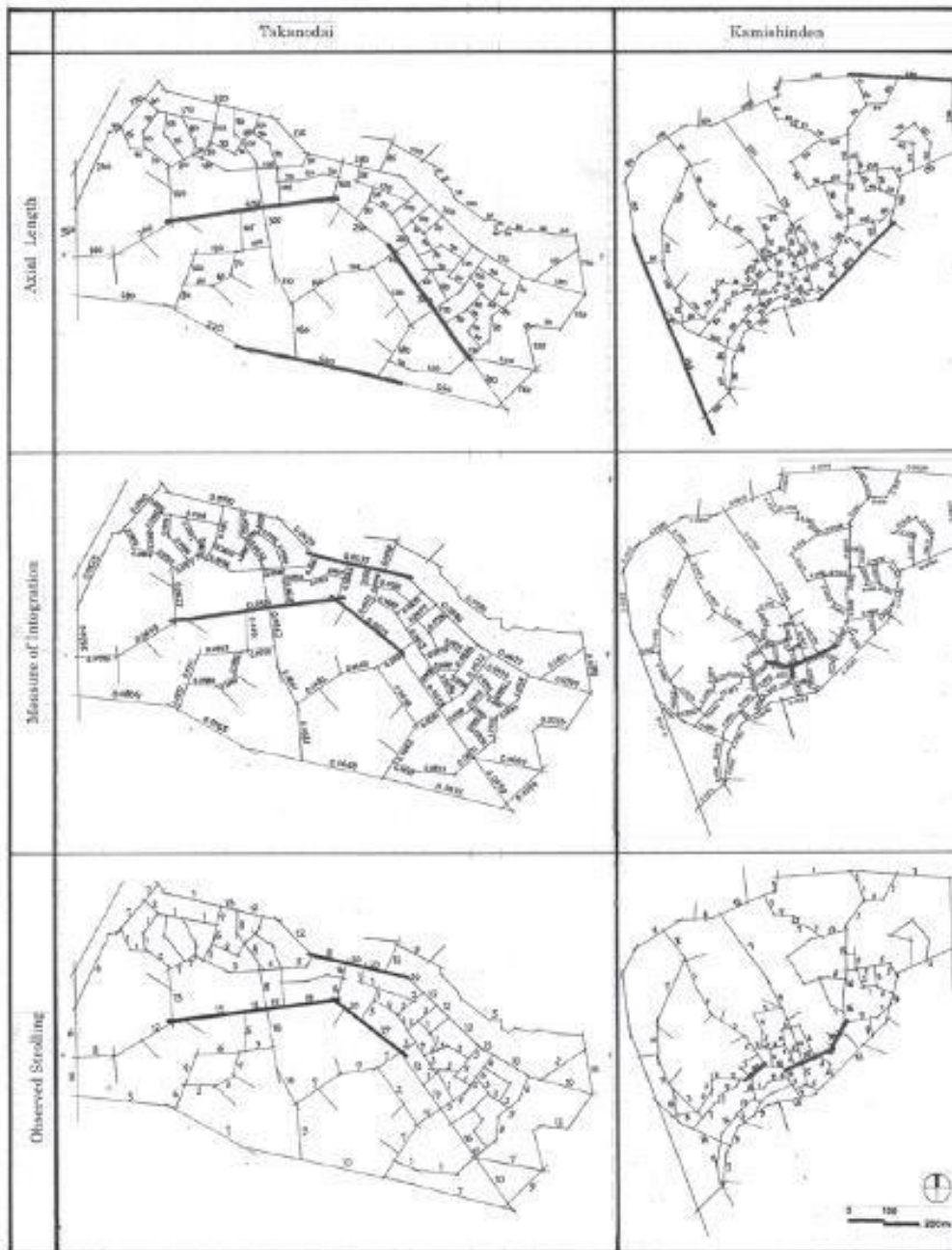
Na figura 4, pode-se considerar que a iconografia das derivas sugere uma organização do espaço numa rede, onde as placas giratórias são os nós e as setas indicam as conexões direcionais entre os diferentes lugares ou ambientes notáveis ao longo dos percursos, organizada de forma hierárquica por atributos afetivos e simbólicos compartilhados por um coletivo também organizado como uma rede social dinâmica.

Essa rede, segundo Deleuze e Guattari, (1995, p.37) se constitui em agenciamentos ou rizomas, como algo que começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Assim, Bomfim e Garrido (2019) provoca uma reflexão sobre um sentido flexível de aliança entre estes elementos em que um não se reconhece mais em detrimento do outro, são pluralizados pela simultaneidade das coisas pelos consensos e contrassensos dos fenômenos observáveis (ou não!!!), constituídos pela realidade social. Nos agenciamentos **de espaços formativos, “fora da escola”: trajetos metodológicos** encontramos rupturas, rugosidades, junções, etc., atuando de forma a criar novos sentidos às práticas cotidianas, sempre condicionadas as relações possíveis dos contextos de atuações dos sujeitos em seus grupos sociais.

Na teoria da sintaxe espacial (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2006) oriunda das propostas nas derivas situacionais busca, a partir de métodos e técnicas descritivas do espaço construído, a análise sistêmica da dimensão espacial de fenômenos sociais como o movimento, capturando a lógica social do espaço, ou seja, os modos como padrões espaciais podem carregar em si informações sobre organização e comportamentos sociais. Essas informações são registradas nos mapas axiais como vetores (linhas), compostos a partir da menor quantidade de linhas retas que atravessam o maior número de espaços convexos sem interrupções ou mudanças de direção desenhadas nas direções dos “caminhos de direito” tais que ruas, calçadas e praças (espaços públicos) (TEDJO; FUNAHASHI, 1999).

Sua estrutura captura continuidade espacial que pode ser modelada topologicamente (modelagem axial) ou como rede (incluindo componentes de navegabilidade). Assim chegamos a medida de integração na SI que vai de 0 a 1, os baixos valores significam espaços mais rasos ou de maior acessibilidade relativa que tendem ao maior potencial de encontros aleatórios, de visitas de frequência entre as pessoas e os mais altos considerados mais profundos tendem à segregação durante o trajeto experiencial (HILLIER, 1993, grifo nosso).

A metodologia do estudo consiste: a) na observação empírica direta e aleatória durante 30 dias, entre seis da manhã e seis da tarde; b) Identificação do comportamento peripatético², através da coleta de dados empíricos de linguagem corporal para distingui-lo de outros transeuntes movimentando-se em suas práticas cotidianas (vestimentas, velocidade de locomoção, variedade de ângulos cujo olhar é direcionado); c) seleção de 1 indivíduo que foi seguido ininterruptamente ao longo de sua “deriva” e sujeito a uma entrevista informal ao final do processo indagando sobre tempo de passeio, frequência e rota adotada; d) correlação entre os dados coletados empiricamente.



Fonte: Tedjo e Funahashi (1999, p. 37.8)

Figura 5. Correlação entre potenciais de movimento e movimento medido empiricamente

A Figura 5 demonstra o comportamento peripatético (*strolling behaviour*) analisado por Tedjo e Funahashi (1999), a partir do caminhar a esmo - como forma de lazer, em dois bairros nas cidades de Osaka e Bandung, no Japão. Os resultados apontam que: espaços com maior comprimento axial promovem grande acessibilidade visual ao ambiente, o que está correlacionado com o maior número de pessoas com “comportamento peripatético”; b) espaços que são mais integrados no bairro (localmente), os quais se assume que promovem maior acesso visual e exposição a outras pessoas, também se correlacionam ao alto número de pessoas com o comportamento peripatético.

Diante do exposto, os aspectos teóricos e metodológicos da psicogeografia e da deriva possibilitam a apreensão do conteúdo de representações socioespaciais construídas por jovens nos seus coletivos. Assim, pela bricolagem é possível construir, de forma criativa, métodos, técnicas e dispositivos que capturem a dimensão afetiva no agenciamento de espaços formativos de seus coletivos e espaços vividos. Por eles, seria possível identificar alguns padrões que informam relações afetivas desenvolvidas entre os jovens e o lugar, através de processos exploratórios e subjetivos no movimento dos corpos nos territórios de exclusão social da cidade, a fim de clarificar a questão da experiência pelas práticas sociais cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações, entendemos que o desafio para as pesquisas do GIPRES, não é a utilização da teoria ou do método da psicogeografia e da deriva, e sim de encontrar as zonas de contato nas diversas teorias abertas como: TRS, Teoria da Deriva, Teoria da Performance, Teoria da Reflexividade, Teoria do Cotidiano. Então, torna-se necessário, explorar as metodologias que buscam capturar a lógica socioespacial embutida na experiência do espaço urbano e avançar para a criação de multimetodologias.

Para tal, pela bricolagem nas pesquisas educacionais é possível criar dispositivos que possibilitem, pelas narrativas (janelas gráficas) e mapas afetivos (cartográficos), narrar cartografias afetivas no/do cotidiano e analisá-las, desvelar uma situação peculiar, tendo como conteúdo a concepção dos rituais que envolve a deriva, explicar porque o analisado deriva e qual a guerra que está sendo empreendida, qual (ais) as táticas utilizadas por ele para tal, explicar atitudes e práticas sociais e culturais no espaço geográfico e como esse influencia no comportamento dos indivíduos no coletivo.

Nesse sentido, de forma interdisciplinar (Geografia, Psicologia, Urbanismo, Direito, Sociologia, História) nossos estudos na área da Educação em periferias urbanas perseguem, por meio dos jovens, os processos subjetivos como formas de construção de representações socioespaciais, cuja experiência desempenha importante para a constituição de um imaginário político comum.

Dentro os inúmeros agenciamentos que compõem a experiência, para as pesquisas em cursos, tomam-se na cidade o agenciamento dos espaços educativos, “fora da escola” como também de formação.

NOTA

2 Que se ensina e se aprende andando, passeando, como era o costume de Aristóteles (384-322 a.C.).

REFERÊNCIAS

- BASSETT, Keith. Walking as na Aesthetic Practice and a Critical Tool: Some Psychogeographic Experiments. **Journal of Geography in Higher Education**, v. 28, n. 3, p. 397-410, 2004.
- BOMFIM, Natanael R.. Representações sociais do espaço e ensino/aprendizagem da geografia escolar: o caso dos alunos favelados de Ilhéus-Bahia. In: FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO: Educação no novo milênio, 2004, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2004

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BOMFIM, Natanael Reis; GARRIDO, Walter Von Czékus;. Pesquisa solidária e colaborativa em educação. **Educação em Debate**, Fortaleza, ano 41, n. 78, p. 148-162, jan./abr. 2019.
- DEBORD, Guy (1931-1994). **A sociedade do espetáculo**. Tradução em português: www.terravista.pt/IlhadoMel/1540. eBooksBrasil, 2003.
- DEBORD, Guy. **The naked city, 1957**. 1957. Disponível em: <http://www.frac-centre.fr/collection-artarchitecture/debord-guy/the-naked-city-64.html?authID=53&ensembleID=705>. Acesso em: 10 set. 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Ed. 34, 2008. v. 2
- HILLIER, et all. Natural movement: or, configuration and attraction in urban pedestrian. **Environment and Planning B: Planning and Design**, v. 20, p. 29-66, 1993.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. 'Definitions'. In KNABB, Ken (Org.) **Situationist International**. Anthology. Revised and expanded edition. Berkeley, EUA: Bureau of Public Secrets, 2006.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Deriva, psicogeografia e urbanismo unitário**. Organização de Erahsto Felício. Porto Alegre, Deriva, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011.
- MEDEIROS, V. A. S. Sintaxe urbana: parâmetros disciplinares. **Plano de curso**. Lisboa, 128 slides. Apresentação. URL: <http://inlearningist.utl.pt/SU/imagens/SU%20%2002%20%20Par%C3%A2metros%20Disciplinares.pdf>. Acessado em: 10 set. 2018.
- Moliner, P. **Images et représentations sociales**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1996.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1978.
- NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- SADLER, Simon. **The Situationist City**. Cambridge, MA; Londres: The MIT Press, 1998.
- SCHVARSBURG, Gabriel. A rua e a sociedade capsular. **Oculum Ensaios**. Campinas, n. 16, p. 138-149, jul./dez. 2012.
- SOARES DE LIMA, Theo. Ensaio sobre a vida cotidiana: passos e tropeços de uma pesquisa psicogeográfica. 2015. 146p. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: POSGEA/UFRGS, 2015.
- TEDJO, Baskoro; FUNAHASHI, Kunio. Strolling Behaviour around the neighbourhood for leisure and Spatial configuration. In: SPACE SYNTAX INTERNATIONAL SYMPOSIUM, 2., 1999, Brasília. **Proceedings [...]**. Brasília, 1999.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.
- VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. From library. nothingness.org theanarchistlibrary. Editora Conrado, 2002.
- VANEIGEM, Raoul. **The Revolution of Everyday Life 1963–1965**. Retrieved on May 14, 2009.